


## **Resenha do livro Poder, voz e subjetividade na literatura infantil**

NIKOLAJEVA, Maria. *Poder, voz e subjetividade na literatura infantil*. Tradução de Camila Werner. São Paulo: Perspectiva, 2023.

Marcos Vinícius Scheffel<sup>1</sup>  
 0000-0002-6418-8327

Maria Nikolajeva (2011) é uma pesquisadora de literatura infantil muito reconhecida internacionalmente – tendo atuado nas Universidades de Massachusetts, Estadual de San Diego e na Universidade Åbo Akademi, na Finlândia. Sua obra, em parceria com Carole Scott, *Livro ilustrado: palavras e imagens (How Picturebooks Work)*, publicada em 2011 pela Cosac Naify, na coleção História e Crítica de Literatura Infantil, é um estudo fundamental para os interessados no tema. Seu mais recente livro lançado no Brasil, *Poder, voz e subjetividade na literatura infantil (Power, Voice and Subjectivity in Literature for Young Readers)*, traduzido por Camila Werner e publicado pela Editora Perspectiva, com texto de apresentação de Elizabeth Cardoso, deve também ter boa acolhida entre os interessados na literatura infantil e juvenil.

O livro se inicia dialogando com importantes críticos da literatura infantil, como Perry Nodelman, que a partir dos anos 1990 apresentava um cenário pós-teórico para os estudos da área, e Peter Hunt, que afirmava que as teorias sobre literatura infantil só interessavam ao meio acadêmico. Segundo Nikolajeva (2023, p. 2), tais afirmações se baseavam na ideia da crítica como “argumentos abstratos que nunca

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da UFRJ.  
E-mail: marcos.scheffel53@gmail.com

tiveram como objetivo ser aplicados a textos literários concretos”. Para a autora, não conseguimos ler uma obra sem um enquadramento teórico, sem sabermos que tipo de perguntas faremos ao texto.

Nessa direção, Nikolajeva toma emprestados alguns princípios básicos de investigação: da heterologia (a literatura infantil seria um discurso sobre o Outro), da teoria *queer* (os textos formam discursos que são exercícios do poder) e da carnavalização de Bakhtin (as mudanças temporárias das posições de poder que são recorrentes nos livros infantis e juvenis). As suas análises ilustram que um aspecto fundamental de uma teoria da literatura infantil pode ser mais bem compreendido examinando-se as tensões de poder entre adultos e crianças. Ela cunha, então, o conceito de *aetonormatividade*: “a normatividade adulta que governa a maneira como a literatura infantil foi padronizada desde seu surgimento até os dias de hoje” (Nikolajeva, 2023, p. 11).

Ao longo do livro, Nikolajeva explora como os escritores de literatura infantil usaram gêneros, cenários, personagens e dispositivos narrativos específicos, como voz, focalização e subjetividade, para confirmar ou interrogar estruturas de poder em seus textos. Isso pode ser visto nos 12 capítulos do livro, que, em linhas gerais, tratam das seguintes questões: 1) como as crianças podem ser empoderadas ou desempoderadas – análise da série *Harry Potter*; 2) o uso da linguagem, em que analisa principalmente *Alice no País das Maravilhas* e *O Ursinho Pooh*; 3) o uso da fantasia, que trata de várias obras – como *O mágico de Oz* e *Pippi Meialonga*; 4) as questões da heterofocalização (uso de um narrador de gênero oposto ao do autor) e da homofocalização (narrador do mesmo gênero do autor) – com destaque para os contos de George MacDonald; 5) pontos de vista aetonormativos na literatura distópica, em que alguns livros dos anos 1990 são analisados, como *O doador de memórias*, de Lois Lowry, e *Feed*, de M. T. Anderson; 6) a outrização do cenário; 7) a outrização do gênero: novas masculinidades, novas feminilidades – em que analisa a ficção para jovens (*Young Adult*); 8) a outrização da voz: crossvocalização e performance; 9) a ideologia conservadora nos contos de fada na União Soviética, em contraste com a ideologia subversiva nas obras de Lygia Bojunga e Ana Maria Machado; 10) a outrização das espécies: o (ab)uso dos animais; 11) a outrização



visual: estrutura de poder nos livros ilustrados; 12) a outrização do leitor: a falácia da identificação.

Por conta do espaço limitado desta resenha, devem ser destacadas no livro as análises originais da autora, que não recorre exaustivamente a leituras já realizadas das obras infantis e juvenis citadas. Há também um interessante jogo entre obras bastante conhecidas (como *Alice no País das Maravilhas* ou a série de *Harry Potter*) e obras menos conhecidas (caso dos contos da União Soviética ou do romance *Dance sobre meu túmulo*, do autor inglês Aidan Chambers), e também obras que poderiam ser consideradas “menores” por seu caráter comercial, mas que, ao serem discutidas com os enquadramentos críticos propostos pela autora, ganham destaque – como *Pippi Meialonga* ou *O Ursinho Pooh*. E é justamente nesse jogo de análise de obras conhecidas, menos conhecidas e pouco valorizadas que o livro de Nikolajeva ganha intensidade. Até porque a própria literatura infantil é vista por muitos como algo menor, em associação com seus leitores desempoderados.

No segundo capítulo, em que Nikolajeva discute questões de poder em relação à linguagem, ela se debruça na análise de *Alice no País das Maravilhas* e *O Ursinho Pooh*. Sobre o livro de Lewis Carroll, a autora observa: “Todas as criaturas que Alice encontra no País das Maravilhas e através do espelho exercitam seu poder por meio da linguagem, apresentando para Alice – e para o leitor – quebra-cabeças verbais, paradoxos e contradições lógicas” (Nikolajeva, 2023, p. 41). Assim, o efeito final do livro pode tanto ser subversivo – se o leitor for capaz de decifrar os enigmas verbais – como pode causar um efeito de desconforto – se o leitor ficar desorientado como a protagonista. Já em *O Ursinho Pooh* – cujos personagens conhecemos no Brasil por conta das versões animadas de Walt Disney e seus produtos comerciais –, o protagonista Christopher Robin coloca-se em uma posição de opressão em relação aos brinquedos, que ganham vida no Bosque dos Cem Acres. Logo: “Os livros do Ursinho Pooh também refletem a resistência da criança pequena em relação à opressão da linguagem, ao quebrar as regras para testá-las, e ao explorar as fronteiras e as possibilidades da linguagem” (Nikolajeva, 2023, p. 51).

O capítulo sobre os contos de fada no regime soviético pode ser dividido em dois momentos. No primeiro momento, o comentário de obras que não conhecemos por não terem sido traduzidas para o português, mas que entendemos suas estruturas por se basearem em fórmulas consagradas dos contos de fadas (como os poderes mágicos para resolução de problemas). Tais contos são atravessados pela ideologia “comunista / revolucionária” e “servem exclusivamente a propósitos didáticos, e no final as personagens precisam aprender lições de moral, cuja essência é não se destacar na multidão ou, em alguns casos, adaptar-se à massa à qual na origem não se pertencia” (Nikolajeva, 2023, p. 195). Em seguida, os comentários sobre a produção “extremamente subversiva” de Ana Maria Machado e Lygia Bojunga. A “subversão” das autoras brasileiras está no retrato sofisticado da infância, na abordagem de temas sociais relevantes, sem cair no didatismo, e na linguagem extremamente criativa, ou seja, por seu caráter progressista em relação ao protagonismo das crianças.

Cabe ainda destacar que, ao longo da obra, Maria Nikolajeva consegue gerar o interesse pela leitura de muitos livros comentados. Isso acontece, por exemplo, com *Dance sobre meu túmulo* (*Dance on My Grave*), de Aidan Chambers. Infelizmente, o livro de 1982, do primeiro autor inglês ganhador do prêmio Hans Christian Andersen, ainda não tem tradução para o mercado brasileiro. Segundo Nikolajeva, trata-se do primeiro livro juvenil a abordar de forma aberta a questão da homossexualidade. Pelos comentários da autora, parece um texto com muita qualidade na construção do personagem-narrador, um jovem que cometera um crime e que escreve enquanto espera seu julgamento:

A escrita de Hal é afetada por diversas posições de poder. Ele é empoderado como homem, mas desempoderado como jovem em relação aos adultos, como homossexual em relação à heteronormatividade, como um garoto da classe operária em relação aos socialmente privilegiados e como um criminoso em relação ao que é socialmente aceitável. Sua escrita é, portanto, uma ferramenta importante ao extremo, não apenas para sua própria defesa, mas também em termos de negociação de poder. Aqui emergem diversas tensões. Ao buscar educação, Hal atravessa o limite da sala de aula; ao afirmar sua orientação sexual, desafia a heteronormatividade; ao ser absolvido por meio de seu apelo escrito, retorna para a norma social. Todos esses aspectos colaboram para a construção do seu gênero performativo (Nikolajeva, 2023, p. 146).

*Poder, voz e subjetividade na literatura infantil* reúne produções de Nikolajeva dos últimos trinta anos, por isso não é de se estranhar que haja capítulos menos rigorosos em termos teóricos ou de certa forma desatualizados. Um exemplo de capítulo com menor rigor teórico é “Outras espécies: o (ab)uso de animais”, que descreve a grande variedade de maneiras pelas quais os gatos aparecem na literatura infantil – o capítulo parece um esboço, quando comparado aos demais capítulos. Já o capítulo sobre os romances distópicos cita publicações dos anos 1990, que para esse gênero de narrativa envelheceram, por conta dos avanços tecnológicos das duas últimas décadas que já se concretizaram – principalmente a ideia de uma sociedade em que as pessoas estão permanentemente conectadas.

## Referências

NIKOLAJEVA, M. *Poder, voz e subjetividade na literatura infantil*. Tradução de Camila Werner. São Paulo: Perspectiva, 2023.

NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

*Recebido em: 20 ago. 2025.  
Aprovado em: 12 dez. 2025.*

*Revisor(a) de língua portuguesa: Vivian Campagnolli Bergantini Saviolli*

